

O escrito do analista e o desejo de saber¹

Alba Abreu Lima

“Só temos escolha entre enfrentar a verdade ou ridicularizar nosso saber”. Lacan na Proposição de 09 de outubro de 1967

Os analistas, diante do horror ao ato analítico encontram, na escrita, a possibilidade de formalização deste ato. Cada vez que o analista se interroga sobre aquilo que faz, recorre às formulações de Freud e se utiliza dos matemas lacanianos para interrogar seu ato; o horror pelas modificações que ocorrem na vida de um sujeito por efeito de interpretação.

O avanço e a transmissão da psicanálise são o resultado do movimento particular que cada analista busca nessa experiência com o saber inconsciente; enquanto analisante e em sua prática clínica; no trabalho de Cartel e no Passe.

O estatuto do escrito do analista é uma tentativa de ler e explicar este saber. Saber onde, diz Lacan:

“ o sujeito vê soçobrar a certeza que ele tomava desta fantasia onde se constitui para cada um, sua janela sobre o real, o que se percebe é que a tomada do desejo não é mais que a de um des/ser”, em uma virada que representa a passagem de analisante à analista. O que não quer dizer que esse saber tenha a ver com o conhecimento adquirido da teoria, mas do que se trata é do saber inconsciente.

Só se entende verdadeiramente um texto psicanalítico quando se aprende a ler o inconsciente. “Leitura do inconsciente”, essa é a forma que Lacan propõe no Seminário 20, de tornar possível passar o gozo ao dizer. E é o que permite ao sujeito fazer um percurso desde antes de uma análise, quando o sujeito ainda se encontra no “não quero saber nada disso” - C. Soler diz que a humanidade não tem desejo de saber, por isso a psicanálise vai à contra mão das inovações da modernidade.

O sujeito já sabe tudo o que tem de saber para fins de seu gozo e somente no decorrer da análise, quando pode dirigir o amor ao saber por obra e graça da transferência, saber suposto, pode então vislumbrar mais além do gozo e, ao final, Lacan aposta no desejo de saber, modo de operação para os que posam sustentar essa posição de des-ser e tornar-se analista.

ESCRITA

Não há escrita que não seja de uma língua articulada. A escrita, na concepção dos pesquisadores, é uma representação visual e durável da linguagem, que a torna transportável. É um código que transmite mensagens verbais. Escrevem-se desde sempre os fatos de linguagem: provérbios, canções, avisos, apelos ou interdições. É a inscrição visual da palavra falada, tempo segundo do discurso: Não existe escrita, sem palavra prévia.

Lacan (seminário 17) diz que a condição da escrita é que ela se sustente por um discurso. Por isso, o analista escreve sobre como suporta a demanda sob transferência, como aceita os limites do seu saber e como esse saber pode vir a ocupar o lugar da verdade no discurso analítico. O discurso como laço social é um modo de gozar a partir da linguagem e, para estarmos no mundo civilizado seria preciso um “refreamento das pulsões” (no dizer freudiano), o que significa perda de gozo. Todo discurso é, portanto, um aparelho de gozo sob o olhar de Lacan.

Freud guardava uma relação muito especial aos seus escritos. Nas reuniões das quartas-feiras ele apresentava seus informes sobre os casos clínicos e suas descobertas teóricas antes mesmo de publicá-los: era a sua “caixa de ressonância”. Sua maneira de demonstrar a ética psicanalítica: para que o saber possa estar no lugar da verdade, é necessário que o grande Outro seja barrado. Freud aceitava o limite dessa barra, ele desejava acima de tudo escutar aquele insabido – Das unbewusste. Seus casos clínicos são comentados até hoje como fracassados pelos especialistas. Seus “erros” estão colocados em seus escritos. Ele não se preocupava nem modificava ou corrigia suas publicações, apenas acrescentava PÓS-ESCRITOS, denunciando que a Psicanálise não funciona como uma ciência exata e nem pretende ser toda.

¹ Texto publicado originalmente no ENCONTRO INTERNACIONAL DO CAMPO FREUDIANO CARACAS, 1992

Lacan retornou a Freud, lendo os textos originais no alemão. Denunciou os extravios da teoria pós-freudiana e reafirmou que a disciplina do comentário de textos de Freud seria uma parte importante na formação dos analistas. A cada novo Seminário, Lacan escrevia um texto correspondente. Embora, ele mesmo tenha dito que seus “Escritos” não são para serem compreendidos, eles fazem parte junto com o Seminário de suas importantes elaborações teóricas.

No Seminário I, Lacan diz que se a obra de Freud tem um sentido, é que: “a verdade pega o erro pelo cangote, na equivocação. Explica que nossos atos falhos são atos bem sucedidos. E que, as palavras que tropeçam, confessam. A verdade está sempre por detrás: no interior da associação livre, nas imagens do sonho e no sintoma. E isso é tudo o que se pode escrever sobre um caso clínico para atestar os efeitos decorrentes.

Schreber, em Memórias de um Doente dos Nervos, recorre também ao escrito para veicular sua metáfora delirante como um recurso utilizado para sair do asilo. O analista assim com Schreber, deve sair de seu consultório, dessa posição “autista” como nomeia Miller, para escrever. Trabalhar seus escritos com os colegas, demonstrar como o desejo de saber produzido em sua análise pode levá-lo a transmitir os efeitos do ato analítico em sua clínica.

O desejo de saber, como condição essencial ao ato analítico, é, no entanto, insuficiente para a transmissão da psicanálise. O analista deve se dispor a se dividir como sujeito, no discurso da histórica, em seus escritos, para reencontrar os significantes perdidos no seu ofício, restos de supervisões e relatos de casos. Assim, diante da angústia provocada pelo ato analítico que é solitário, da certeza da impossibilidade de relação sexual, o analista escreve seus casos clínicos, sua elaboração de cartel e apresenta nos Encontros.

Lacan, em Mais Ainda, diz:

“Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. É daí que há um certo efeito do discurso que se chama a “ESCRITA”.

A escrita é então um efeito do discurso analítico. Ela não visa como a ciência, construir e expor um saber cumulativo (conhecimento científico). É preciso ir além: ter uma chance de contribuir com o enunciado de Lacan:

“A verdade não serve senão para marcar o lugar onde se denuncia o saber”. (Carta aos Italianos)

Enquanto no cartel e nos casos clínicos se expõe um saber-fazer, no passe acentua-se o próprio discurso analítico. Ou seja, no discurso analítico, o agente é o objeto causa de desejo, que está assentado sobre um saber, situado no lugar da verdade - mola mestra do discurso.

Lacan reconduziu a psicanálise para a relação entre sujeito e verdade. O sujeito paga ao analista para dizer a verdade sobre si mesmo. O saber parte dessa verdade que jamais será dita toda. A psicanálise busca um saber não sabido e a verdade enquanto valor lógico.

Lacan, no “Averso da psicanálise” diz:

“nenhuma evocação da verdade pode ser feita senão ao se indicar que ela não é acessível a não ser por um semi-dizer que ela não pode se dizer inteiramente, pelo fato de que mais-além de sua metade, não há nada a dizer”.

Neste Seminário XVII, Lacan trabalha com afinco a questão da verdade. Para isso, fez uma leitura fecunda do Tractatus Lógico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein. O Tractatus, assim como a psicanálise, reivindica o direito ao silêncio e obedece à lógica do não-todo:

“Aquilo que não se pode falar, deve-se calar”.

Lacan comenta que no sentido wittgensteiniano, a verdade é irmã do gozo. A verdade tem esse efeito de incompletude, assim como o gozo é interditado a quem fala. Ele afiança: “não há sentido que não seja do desejo” e “não há verdade senão daquilo que esconde esse desejo de sua falta, fingindo que não quer nada diante do que encontra”. A verdade seria então essa ordem que impõe a castração e que o sujeito só pode lidar a partir da invenção do saber. O inconsciente é a condição da linguagem e a verdade é inseparável dos efeitos dessa linguagem, diz Lacan, embora esteja fora do significante.

Para o analista, a verdade necessita que o analisante vincule em palavras seu desejo, lei da associação livre. É no momento mesmo que o analisante é atravessado por um chiste, um ato falho ou um sonho, que a verdade pode surgir.

Lacan diz que o analista, enquanto objeto a suporta a função de letra. Letra a cair; como toda letra, quando se lê, faz dizer.

Na alfabetização das crianças, costumamos fazer ilustrações das letras com desenhos para que elas fixem na memória a forma da letra. É a imaginarização da letra. Mas quando essas crianças começam o aprendizado da leitura, as letras perdem completamente seu valor próprio, em si, saem da posição de imagem para dar sentido às palavras. As letras perdem sua singularidade para compor o infinito processo de metonimização da leitura. Por isso que, inadvertidamente, as professoras cometem falhas reclamando dessa “letra feia” que a criança começa a escrever, sem ter em conta que agora sim, algo delas mesmas esta presente ali, não somente uma cópia do ‘22 como dois patinhos na lagoa’, por exemplo.

No final, quando o desejo de saber advém pela passagem de analisante a analista e o gozo encontra uma nova satisfação no bem dizer, o analista cai, como resto, rebotalho, lixo, mas também letra. E são esses os testemunhos escutados dos passantes.

Na escrita, assim como quem aprende a escrever, o analista reencontra as letras caídas da leitura e passa a colocar essas letras em lugares determinados para dar sentido e fazer laço social entre os analistas, através da veiculação de seus casos clínicos na escrita.